



ESTRUTURA E COMPOSIÇÃO DE CAPÕES DE MATA NA APE PAU DE FRUTA, DIAMANTINA-MG.

Josimar Sebastião de Souza, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Departamento de Engenharia Florestal, Diamantina-MG. josimarsesouza@gmail.com;

Pedro Henrique França Nascimento, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Departamento de Agronomia, Diamantina-MG;

Lidia Gabriella Santos, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Departamento de Engenharia Florestal, Diamantina-MG;

Carlos Victor Mendonça Filho, Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Departamento de Ciências Biológicas, Diamantina-MG.

INTRODUÇÃO

A Cadeia do Espinhaço compreende um conjunto de serras que se estende por cerca de 1000 km de comprimento e 50-100 km de largura, com altitudes entre 800 e 2000 m, em Minas Gerais e Bahia (DRUMOND *et al.*, 2005). Nestas serras são observados mosaicos de vegetação, onde nos topos e encostas suaves ocorrem manchas de florestas, denominadas capões, entremeadas com campos limpos e campos rupestres (Meguro *et al.* 1996). Estudos sobre a estrutura e fisionomia de capões na serra do Cipó (Meguro *et al.*, 1996) mostraram um alto índice de diversidade e uma baixa similaridade com outros levantamentos realizados, com condições latitudinais e altitudinais semelhantes. Isto indicou que existe uma dissimilaridade florística entre comunidades florestais montanas, que se relaciona com o histórico da colonização inicial, maior ou menor grau de isolamento temporal e espacial e à ação seletiva dos fatores abióticos e bióticos locais (Meguro *et al.*, 1996). A despeito da sua importância estudos fitossociológicos de capões são ainda incipientes no planalto de Diamantina. Estas informações são importantes para o entendimento dos padrões de diversidade e dos seus processos sucessionais, permitindo a comparação com outras áreas já estudadas, dando subsídios para a sua conservação.

OBJETIVOS

1-Ampliar o conhecimento sobre a estrutura, composição, fisionomia e diversidade de espécies que ocorrem em capões da serra do Espinhaço Meridional; 2- Comparar esta vegetação com de outras apresentando condições edafo-climáticas semelhantes e 3- Compreender os processos sucessionais existentes no estabelecimento de capões.

MATERIAL E MÉTODOS

A APE Pau de Fruta é uma área de proteção especial pertencente à Copasa. Possui uma área de 1700 ha., situada em Diamantina-MG. Apresenta uma vegetação característica do Espinhaço, onde são encontradas formações campestres, incluindo os campos limpos e rupestres; savânicas, como o cerrado rupestre e cerrado típico e os capões de mata, normalmente associados com nascentes e cursos d'água (Mendonça Filho, 2005). Os capões amostrados apresentam afloramento do lençol freático durante o ano inteiro, em maior ou menor extensão, dependendo da estação do ano. Foi realizado um levantamento fitossociológico em dois capões, em estádios diferentes de sucessão, que foram cobertos com o máximo de parcelas possíveis, de 10 x 10 m. No capão 1 (0,1675 ha.), foram alocadas 2 parcelas e no capão 2 (0,9948 ha.), 26 parcelas. Foram medidos todos os indivíduos com

DAP \geq 3 cm, com auxílio de uma fita métrica e a altura foi estimada com auxílio de uma vara de cinco metros, graduada de 10 em 10 cm. Foram analisadas as distribuições diamétricas e altimétricas dos indivíduos. As espécies foram identificadas por especialistas, bibliografia específica e por comparação com o material do Herbário DIAM e HDJF da UFVJM. Os parâmetros fitossociológicos analisados foram: densidade, dominância, frequência, em valores absolutos e relativos, índice de valor de importância (IVI), índice de diversidade de Shannon-Weaver (H') e de Equabilidade de Pielou (J).

RESULTADOS

O capão 1 apresentou 159 indivíduos, de 15 espécies pertencentes a 10 famílias. Cerca de 50% dos indivíduos apresentaram diâmetro entre 3 e 6 cm, 22,63% entre 6 e 9 cm e 10,62% entre 9 e 12 cm. Na distribuição das alturas observou-se 39% dos indivíduos entre 6 e 9 m, 19% entre 9 e 12 m e apenas 2% dos indivíduos maiores que 12m. No capão 2 foram encontrados 1137 indivíduos, de 65 espécies pertencentes a 31 famílias. Neste capão 37,14% dos indivíduos apresentaram diâmetro entre 3 e 6 cm, 24,04% entre 6 e 9 cm e 17,21% entre 9 e 12 cm. Quanto a distribuição altimétrica 39% dos indivíduos apresentaram altura entre 6 e 9m 13% entre 9 e 12 m e 5% maior que 12 m. No capão 1 as cinco espécies que apresentaram os maiores IVIs foram: *Calophyllum brasiliense* (27,9), *Protium heptaphyllum* (14,9) e *Tibouchina sp.* (11,2), correspondendo a 54% do VI total, *Schefflera sp.* (9,5) e *Tapirira guianensis* (6,11). O índice de diversidade (H') foi de 2,16 e o de equabilidade (J) de 0,78. No capão 2 os cinco maiores IVIs foram *Calophyllum brasiliense* (19,2), *Cupania sp.* (14,4), *Tapirira guianensis* (9,4), *Myrsine gardneriana* (5,4) e *Hedyosmum brasiliense* (4,1), correspondendo a 52,5% do VI total. Os índices de diversidade e equabilidade apresentados foram $H' = 2,89$ e $J = 0,69$, respectivamente.

DISCUSSÃO

O estudo indicou que a diferença no tamanho dos capões reflete diferentes estádios sucessionais. O maior capão apresentou maior número de indivíduos, espécies e famílias. Muitas espécies deste capão (20) foram também encontradas por Meguro *et al.* (1996) na Serra do Cipó, provavelmente devido à proximidade das áreas de estudo e ao “status” de conservação dos capões. Na distribuição diamétrica e altimétrica foi observado o padrão J invertido, comum em ecossistemas em regeneração (Santana, 2002), contudo o maior capão está melhor estruturado, com uma menor concentração de indivíduos na primeira classe de diâmetro e três estratos de altura bem definidos. Além disto, apresentou um maior número de espécies figurando entre os maiores IVIs, além de uma maior diversidade e equabilidade em relação ao capão 1. A presença de *Cecropia sp.* com IVI de 4,20 no capão 1 também indicou um estágio inicial de sucessão (Santos, 2000). Os dois capões apresentaram índices de diversidade (H') e equabilidade (J), bem abaixo do registrado por Meguro *et al.* (1996) na Serra do Cipó, que foram $H' = 4,61$ e $J = 0,92$.

CONCLUSÃO

Os capões na APE Pau de Fruta apresentam diferentes estádios de sucessão, contudo, ainda estão no início de regeneração e necessitam de medidas de proteção.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DRUMOND, G.M.; MARTINS, C.S.; MACHADO, A. B.M.; SEBAIO, F.A.; ANTONINI. Biodiversidade em Minas Gerais: Um Atlas para sua conservação. 2a ed., Fundação Biodiversitas, 2005. 222 p.

MEGURO, M.; PIRANI, J.R.; MELLO-SILVA, R.; GIULIETTI, A.M. Caracterização florística e estrutural de matas ripárias e capões de altitude da Serra do Cipó, Minas Gerais. Bol. Bot. Univ. S. Paulo, São Paulo, SP, v. 15, p. 13-29, 1996.

MENDONÇA FILHO, C.V. Vegetação, IN: SILVA, A.C.; PEDREIRA, L.C.V.S.F. & ABREU, P.A.A. (ed.). Serra

do Espinhaço Meridional: Paisagens e Ambientes, Belo Horizonte: O lutador, p.118-126, 2005.

SANTANA C.A.A. Estrutura e florística de fragmentos de florestas secundárias de encosta no município do Rio de Janeiro [dissertação] Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; 2000. 147 p.

SANTOS, FLAVIO A.M. Growth and leaf demography of two *Cecropia* species. Rev. bras. Bot. [online]., vol.23, p.133-141, 2000.

Agradecimento

Agradecimentos à FAPEMIG pela bolsa concedida. PROCESSO CRA APQ 01779-11